

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIV, nº 111, fevereiro/março — 2022

O QUE MAIS É PRECISO, MÃE GAIA?

sôniahelen

Seus gritos ressoam aos quatro ventos, mas os homens não os ouvem... Suas florestas choram lágrimas de fogo, calcinadas pela irresponsabilidade dos homens, mas ninguém as enxuga...

Seus rios recolhem-se em diminutos veios porque não mais têm onde se nutrir e renovar, mas as pessoas não percebem. As matas protetoras dos seus nascedouros foram cruelmente extirpadas. Suas margens, terrivelmente vilipendiadas. Seus leitos transformaram-se em cloacas das mais absurdas impurezas. Depósitos de detritos e rejeitos assorearam os seus cursos, fazendo deles bancos de terra, areia ou metais, lançados pela ganância humana, a contaminarem suas veias d'água...

Quantas vezes, mãe Gaia, você tem gritado por socorro... Quantas vezes tem pedido por um

BASTA!... Quantas vezes tem se rebelado contra os impropérios de tantos...

Seus tremores, deslizamentos, furacões, tsunamis, ciclones, tornados, transbordamentos, incêndios, inundações não são percebidos, não são entendidos, não são traduzidos como gritos de quem suplica por cuidado, por respeito e atenção.

Veze sem conta, ano após ano, seu brado corta os ares, terras e mares, sem ter quem o escute.

Seu verde cede lugar ao solo exposto, fendido, gretado, abandonado. Suas águas minguam, secam, somem. Seus animais são caçados, mortos, extintos pelo fogo, pelo frio, pelo homem. Suas gentes passam fome, sofrem sede, mal sobrevivem.

Tudo isso se repete há anos, há décadas, há séculos. E nada acontece. E tudo se repete. E ninguém aprende.

Será que um vírus, invisível e desconhecido, fará o que todo o seu clamor não conseguiu?

Será que um minúsculo elemento terá força para despertar o que nem as intempéries, nem as pestes, nem as guerras conseguiram? Será? Os homens acordarão? Os povos despertarão? Os ricos e poderosos despirão seu orgulho, ganância e soberba? Os pobres terão espaço para viver e sonhar? As desigualdades diminuirão? A concórdia prevalecerá?

Suplico, mãe Gaia, não deserde os seus filhos, seus verdadeiros filhos. Que ao fim de tudo isso, a lição seja aprendida. Lição de respeito, de solidariedade, de compaixão, de desapego, de compreensão, de humildade e entrega.

Que todos os seres vivos possam, ao fim disso tudo, em qualquer parte em que vivam, celebrar a vida, experimentar a união e encontrar a paz!

Km 08

Glauber Vieira Ferreira

O destino me enviara recentemente àquela estrada nas montanhas; desde então, dia e noite a percorria sozinho no carro. Eventualmente dava caronas para moradores da região, e através deles descobri a história do lugar.

No topo de uma daquelas montanhas, no início do século vinte, surgiu uma pequena vila militar, com um forte onde se vigiava o horizonte. A má qualidade da terra encareceu a permanência dos militares, visto que todos os mantimentos precisavam vir da planície; poucos anos depois, se transferiram para outra região. O local, que passou a ser conhecido na região como Vila Um, permaneceu abandonado, sendo usado apenas como base de apoio por eventuais alpinistas e moradores da região, que cortavam lenha nas proximidades.

Continuação na pág. 4

O CANTO DOS PÁSSAROS

Anderson Braga Horta

O dia se faz claro e vibrante. Saio ao quintal para receber as bênçãos da natureza. E as bênçãos chovem sobre mim em múltiplas formas: a luz do sol, sombreada por nuvens ocasionais; o ar que me envolve caricioso, trazendo os aromas emitidos por flores, ervas, árvores e pelos artefatos do bicho homem, muitos deles poluentes, mas, em todo caso, carreadores de benefícios; os bordados voláteis de insetos e de aves; as águas que tudo refletem no seu espelho trêmulo; e os sons do mundo, em que sobrenada o coro das aves e pontificam como solistas alguns pássaros. E das árias que eles cantam silencioso me embeveço.

Escutando essa maravilhosa sinfonia coral, algumas vezes acompanhada de passos de dança, fico a pensar no que dizem frios observadores acerca de seus executantes: que não se esmeram a cantar por motivação estética nenhuma, fazendo-o tão-só por uma questão prática, funcional, genética, em resposta a um imperativo natural da perpetuação da espécie. O canto, que visa ao acasalamento, se esgota nessa função de chamariz, de isca, e o maior ou menor refinamento de cada um é, no contexto geral, insignificativo, sendo as diferenças não mais que uns poucos dentre tantos traços distintivos de cada espécie.

Continuação na pág. 8

O COMBOIO DA NOITE

Myriam Jubilot de Carvalho ()*

Eles apanham o comboio da noite. Este, o ronzeiro, que transporta mercadorias e gado. E gente cansada. Cheirando ao suor das horas extraordinárias, feitas sem encanto, nem sonho, nem paixão.

O rápido saiu de manhã cedo, com o erguer do sol. Enquanto eu estudava, na larga praia, as mensagens ocultas nos ecrãs da Natureza. Saiu engalanado, ledado e lesto. Apinhado de turistas descontraídos, dos que se contentam com a paisagem fugidia para chegarem ao hotel a tempo de tomarem duche antes do jantar.

O foguete partiu ao meio-dia. É um comboio-expresso. Híper, híper-veloz. Eu tinha-me refugiado na biblioteca, a estudar as mensagens de ouro dos livros sábios. É o comboio dos executivos, suas pastas prenhes de negócios e contratos. Onde o segredo e urgência são a chave do lucro e garantia de êxito. Galga a mesma distância dos outros, em metade do tempo. Suas-Excelências aproveitarão o caminho em encontros casuais de futura utilidade. Jantarão com tranquilidade aparente. E do mesmo modo adormecerão, preparando durante o sono a reunião da manhã seguinte.

Gastei o dia. Procurei nos olhares enigmáticos das pessoas com quem me cruzava, um sinal, ainda que indistinto, de um grão de luz. Mas gastei as mãos em dádivas sem retorno.

Sempre pensei que na minha praia, o sol não se pusesse nunca. Mas também aqui o sol se pôs, indiferente à minha procura. E a noite desceu sobre mim, como sobre tudo o mais!

A escuridão encontrou-me igual a um grão de areia batido pelas ondas, ou uma gota de espuma fundindo-se no ar.

Vou, pois, apanhar, eu também, o comboio da noite. O ronzeiro. O mais barato. Este

que transporta mercadorias e gado. E gente tão cansada, semblante fechado, carregado, inóspito.

Daquilo que sempre procurei, já não me lembro. Daquilo que sempre me inquietou, já não quero saber.

Sei apenas que já não me assombras pelas sendas da noite, pelos caminhos incógnitos da longa viagem. Sei que poderei descer em qualquer estação, olhar as estrelas do céu sem fim (as estrelas sem fim do céu), esperar sozinha pelo amanhecer.

Sei que já não me acompanharás...

... poderei talvez aspirar enfim o esplendor nascente do sol. Inspirando o oxigênio livre da montanha que desce até à praia. Poderei ir ao mercado, e comprar provisões. Poderei esperar novamente a noite, e retomar a viagem.

Retomar a viagem, quantas vezes forem precisas. Pelas sendas esquivas da noite? E há outras? Caminhos incógnitos da longa viagem.

(*) Escritora e professora portuguesa, nasceu em Taviira e reside em Almada. Autora, entre outros, de "E No Fim Era A Poesia" (2007) w "O Livro das Actas - Ex annis 70 et 80 - in loco vehementer in calore" (2016).

TRANSITÓRIO

Diego Mendes Sousa

A casa da poesia
é a nuvem

e o poeta nu
vem

Soneto do Mês

AS TRÊS VISITAS
Orestes Barbosa



Batem à porta – Entre quem é, respondo.
D. Esperança entrou. Vinha radiante!
Falou muito. Sorria muito, pondo
em cada frase o brilho de um diamante.

Batem de novo. Batem com estrondo
e entra D. Alegria, esfuziante.
Ria muito. Cantava. Instante a instante
novas partidas de prazer propondo.

Batem terceira vez. Talvez de longe
quem busca a cela deste pobre monge
que acredita nas coisas imortais?

Era a Saudade. Adeus, diz a Esperança.
A Alegria seguia, sem tardança.
E nenhuma das duas voltou mais.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

30ª DIRETORIA
2021-2023

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
2º Vice-Presidente: Sônia Helena
Secretária-Geral: Kátia Luzia Lima Ferreira
1ª Secretária: Vera Lúcia de Oliveira
2º Secretário: Noélia Ribeiro
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Salomão Sousa
Diretor de Cursos: Roberto Minadeo
Diretora de Divulgação: Sandra Maria
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos,
Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi
Aleixo, José Jeronimo Rivera, Napoleão Valadares e Ronaldo
Costa Fernandes

JORNAL da ANE nº 111 – fevereiro/março 22

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

OTTO CENTENÁRIO

Fabio de Sousa Coutinho

Em noite de estrepitosa confraternização etílica entre as mesas do Antonio's, no Leblon dos anos de 1970, alguém se aproxima do ouvido de um dos mais exaltados convivas e cochicha: Otto, você está falando alto demais, se houver informante da repressão por aí, você se ferra.

Num rompante que misturou sofisticado bom humor e uma calculada dose (sem trocadilho) de ousadia, Otto Lara Resende subiu na cadeira e proclamou, alto e bom som: Digo e repito para quem quiser ouvir: a ditadura militar é o maior atraso do Brasil, tem de acabar e vai cair. Se algum dedo-duro estiver presente, pode anotar: meu nome é Fernando Sabino!

Sabino formava, com Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos, o trio de amigos inseparáveis de Otto, os quatro cavaleiros do apocalipse mineiro, todos saídos de Belo Horizonte na década de 1940 e radicados no Rio, desde então. Mas Otto

teve dezenas, talvez centenas, de outros amigos, quase todos fascinados pela conversa a um tempo solta, divertida e invariavelmente culta e bem informada do grande “causeur”. Nelson Rodrigues, um desses admiradores, chegou a agregar um apêndice ao título de uma de suas peças mais célebres: “Bonitinha mas ordinária, ou Otto Lara Resende”.

Jornalista, funcionário público, diretor de banco e da revista *Manchete*, romancista de concisão machadiana e força dostoevskiana, como fica patente no poderoso e estranho *O braço direito*, Otto foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1979, numa disputa acirrada. O resultado, porém, foi celebrado em festa memorável, como se fora a vitória de um candidato popular, com torcida e tudo.

Nascido em São João del-Rei em 1º de maio de 1922, Otto Lara Resende trabalhou durante meio século, vindo a falecer poucos dias após o Natal de 1992, aos setenta anos de idade, depois

de se submeter a uma cirurgia de coluna. Sua partida, no auge do prestígio como colunista da *Folha de São Paulo*, foi um choque, uma trombada de frente sofrida por milhares de leitores, antigos e novos, idosos e jovens, pessoas que se haviam acostumado, nos dois últimos anos, a encontrar, naquele pequeno espaço da página dois do jornal, um texto saboroso sobre os mais diversos assuntos do cotidiano, a crônica de um autêntico mestre do gênero. Em cuidadosa edição da Companhia das Letras, organizada por outro craque mineiro, Humberto Werneck, as colunas da *Folha* foram reeditadas, com o título da primeira delas, data de 1º de maio de 1991, *Bom dia para nascer*. É leitura na categoria das imperdíveis, livro para estar na pasta, ou na bolsa, dos leitores, e abrir em qualquer página, com garantia de satisfação ética e estética. No marco dos 100 anos do nascimento de Otto Lara Resende, sejamos todos vivamente presenteados.

A EDUCAÇÃO EM FOCO

Enéas Athanázio

Professor da UFPI e técnico em educação, incansável estudioso e pensador dos temas educacionais, M. Paulo Nunes reuniu em volume artigos e longa entrevista publicados na imprensa que têm como tema comum a educação brasileira, sua história, seus métodos e consequências na formação da sociedade brasileira. Escritos com a costumeira elegância, os textos revelam o “expert” para quem o complexo tema não continha segredos e o escritor corajoso que costumava afirmar suas convicções com bravura, fundando-se sempre em argumentos sólidos e na sua longa experiência de educador e antigo ocupante de importantes postos na área educacional. “O Fracasso da Educação Brasileira”, publicado pela Livraria e Editora Corisco (Teresina – 2003), inaugurou a Coleção Ensaio Breves, idealizada pelo editor Cineas Santos, “com o objetivo de servir de estímulo e de alento às novas gerações para que reencetem a luta indormida em favor de nossa educação pública e ainda contribuir para a tarefa de reconstrução educacional de nossa pátria” – para repetir as palavras do autor.

O volume se divide em duas partes, a primeira dedicada à educação em especial e a segunda à obra e ideias do educador Anísio Teixeira e assuntos correlatos. Inicia fazendo um mergulho na história educacional brasileira, desde os jesuítas e a educação elitista que “marcaria fortemente nosso processo educacio-

nal”, passando pelas experiências do Império, da República Velha, do Estado Novo e todas as posteriores, até os dias de hoje, numa sequência sem rumos e objetivos fixos, ao sabor das circunstâncias, de que resultou aquilo que ele considerou o fracasso de nossa educação, ingressando inclusive no novo milênio sem conseguir sequer a alfabetização universal e a educação para todos. “Não existiu de fato – afirmou ele – nenhuma iniciativa que visasse a encarar a educação como um propósito nacional do povo brasileiro.”

Diante dessa atitude, o resultado só poderia ser aquele que hoje contemplamos consternados, com o ensino público falido, a universidade pública decadente e sob ameaça, a mercantilização do ensino particular e a proliferação absurda de cursos superiores que nada ensinam, aviltando os profissionais da área e abarrotando os mercados. É claro que existem exceções, mas a regra geral é essa. Mostrou o autor os males da dicotomia entre a “educação geral” e a “educação profissionalizante”, a primeira destinada aos nossos filhos e a segunda uma espécie de segunda classe para os filhos dos outros. Lembrou ainda a alienação de nossos meios culturais, refletindo-se na educação, empenhada em ensinar inutilidades desligadas da realidade nacional, fato que — acrescento eu

—, Gilberto Amado desenhou com riqueza de detalhes em célebre ensaio e Monteiro Lobato tanto apontou na época em que pretendíamos ser uma França tropical, imitando-a em tudo, inclusive com o risco de desfigurar de forma irremediável a nossa língua e perder até a identidade nacional.

E assim, passo a passo, foi o ensaísta analisando as sucessivas tentativas de reformas educacionais, para concluir mostrando que nosso ensino precisa ser revisto e repensado, tendo como pontos de apoio os seguintes princípios: — organização e gestão; — clima; — educação, ensino e aprendizagem; — enquadramento sócio-familiar, e — nível de desempenho dos alunos. Só assim, afirmou, teremos “um tipo de educação que seja modificadora do homem brasileiro, levando-o ao exercício da cidadania, com base na realidade social do país.” Arrematou o pequeno, denso e corajoso volume exaltando a figura de Anísio Teixeira, seu pensamento, sua contribuição e a divulgação de John Dewey entre nós, discorreu a respeito do discutido “provão” e abordou inúmeros outros aspectos de um tema tão importante e que fascina a todos que amam esta pátria — a educação.

Vale a pena ler e pensar sobre o que escreveu M. Paulo Nunes em mais uma de suas obras de pensador preocupado com seu país.

KM 08

Glauber Vieira Ferreira

Quilômetros abaixo, surgiu posteriormente a Vila Dois, hoje habitada por não mais que mil pessoas, vivendo da agricultura e de um turismo incipiente. Após tal vila, existiam algumas outras, à beira de uma estrada de terra que levava à rodovia principal da região.

Na noite de uma sexta-feira, próximo à Vila Um, vi um rapaz no acostamento, pedindo carona. Loiro, forte, cabelos curtos, mancha escura na face, e com aproximadamente vinte anos de idade; devido à noite escura, não percebi muitos detalhes da roupa nem da mochila que carregava. Embora soubesse que a carona é algo comum em cidades e vilas do interior, mas ainda amuado pelas paranoias da cidade grande, em que a maioria dos bandidos que pedem carona são homens e jovens, não parei e segui meu caminho. As caronas que dera anteriormente se resumiram a idosos e mulheres.

Contudo, alguns quilômetros depois, mais abaixo na montanha, na Vila Dois, tive a clara impressão de ver o mesmo rapaz parado. Igualmente louro, forte, jovem, de cabelos curtos e uma mancha na face.

Lembrei-me das lendas urbanas que relatavam sobre fantasmas pedindo carona em rodovias; em uma primeira versão, apareciam em pontos diversos da estrada, como a perseguir determinado motorista; em outros relatos, quando alguém aceitava transportar a pessoa, esta pedia para saltar na frente do cemitério ou em uma casa, onde posteriormente, se descobriria, por meio de uma foto, tratar-se de um familiar morto.

Acossado pela curiosidade, decidi parar o carro.

.....

O rapaz entrou no veículo e, após aparentar surpresa ao me ver, olhou para a frente e disse apenas o destino.

“Fico no quilômetro oito, por favor”.

Tentei puxar conversa, mas respondia com frases lacônicas e em momento algum olhou em minha direção. Parecia nervoso e ansioso para chegar logo ao destino.

Relembrei as tais lendas urbanas ao passarmos em frente a um antigo cemitério usado pelos primeiros moradores da região. Desativado há duas décadas, raríssimas vezes era ainda visitado por algum parente dos falecidos. Contudo, ao passarmos em frente ao local, o rapaz apenas fez o sinal da cruz e... permaneceu no veículo.

Minutos depois, chegamos ao quilômetro oito, onde uma pequena vila, de não mais que vinte casas, se assentava.

“Fico naquela casa amarela, na esquina”, informou o carona.

Parei o carro, ele agradeceu sem me olhar e desceu. Curiosidade ainda tenho, mas não tive a chance de procurar posteriormente a casa para verificar a possibilidade de ele ser um morador falecido.

Olhei para a frente e vi a antiga placa que identificava a vila sem nome oficial; era de madeira, pintada pelos próprios moradores, e o material já apodrecido a fazia pender para o lado, deixando o oito na horizontal. Enquanto o rapaz mexia com uma mala, segui em frente.

Após certificar-se do afastamento do carro, o rapaz da carona, um fotógrafo da própria região que estivera na Vila Dois tirando fotos para uma revista de turismo, parou de fingir que mexia na mala. Levantou-se ao ver os faróis desaparecerem na escuridão. Passou reto pela frente da casa amarela, na verdade um restaurante desativado onde ninguém entrava há mais de dez anos. Virou a esquina e entrou em um sobrado a alguns metros de distância. A sua casa.

Dirigiu-se a um depósito, onde procurou o jornal da região, publicado semanas antes. Encontrou o exemplar, localizou uma matéria com foto e ligou para o irmão gêmeo, também um fotógrafo, que estivera na Vila Um documentando o passado da região; àquela hora poderia estar à beira da rodovia, esperando carona. Alertou-o a não aceitar carona de um homem dirigindo um Gol, modelo antigo, de cor verde: o veículo que o trouxera até ali. Que voltasse a pé ou conseguisse carona com outra pessoa; na volta, lhe explicaria o porquê.

Deixou o jornal na mesa da sala e sentou-se em uma poltrona, de onde só saiu até a chegada do irmão, uma hora depois.

No Gol verde, o motorista ainda percorria a estrada, que dava a volta na montanha. Passou novamente em frente à Vila Um, mas o primeiro rapaz (ou seria o mesmo?) já não se encontrava. Antes de chegar em frente ao cemitério, passou por uma ponte. Não poderia perceber, mas no fundo do rio logo abaixo havia um Gol verde, capotado há alguns dias, com apenas um ocupante, um homem. Apesar da morte na rodovia, a vítima não se machucara tanto, e seu rosto possuía apenas um grande corte nas têmporas. O mesmo corte que assustara o rapaz da carona.

Apesar da ligação para os bombeiros do jovem fotógrafo, que o reconheceu na fotografia do jornal, seu corpo permaneceu perdido nas águas do rio, sendo consumido pelo tempo; sua alma, perdida nas curvas da estrada.

OS SAPOTIS

Noélia Ribeiro

No meio do caminho de minha infância, na Rua do Lima, tinha duas pedras parentais, que, mais tarde, escondi no bolso do vestido.

Tinha um ser indecifrável, com várias identidades: moço, guarda, homem do saco, cuja chegada próxima era sempre procrastinada.

Tinha a escola, uma casa pequena para abrigar tanto céu e tanto inferno trazidos nas mochilas das crianças.

E tinha as carambolas e os sapotis que exterminavam medos e colocavam sonhos em seu lugar.

Os sapotis nefelibatas me ensinaram a escrever poemas...



UMA CANÇÃO

Clênio Pereira

Existe uma canção calcada no destino de minhas intenções: a poesia treme e geme ante a certeza dos embates cotidianos.

Meu olhar é um tição no escuro das previsões; meu coração comporta um barril de pólvora enquanto persigo uma canção ora benfazeja, ora catastrófica.

O OUTRO LADO

Helena de Macedo

Sou uma viajante assídua nas longas noites de insônia.

Sento-me à minha janela; quadro iluminado a mil e uma estrelas cintilantes pinceladas num luar majestoso, qual tapete voador.

Deixo de viver no presente; deixo o meu quarto, a minha cama, a minha almofada. Deixo o meu corpo e a minha janela. Entro num mundo tão longínquo que mais ninguém alcança e se pensa não existir. Sou uma forasteira solitária.

Deslizando, envolvo-me, errante e perplexa, numa outra dimensão sem portas, janelas ou paredes; poderia jurar que entre piruetas, gargalhadas e suspiros de um alívio inquietante, não sei se voando, ou nadando... sei que não

quero parar. Seres e formas intimamente desconhecidos flutuam ao meu redor em perfeita sincronia, acolhendo-me neste universo leve, fresco e ternurento. Seguram-me pelas mãos, mas eu não tenho mãos! Sedentos da minha sede, atraem-me para um abraço e falam-me ao coração, mas... fazem-me saber que é um sentir de memórias diluídas na distância do infinito. Memórias de uma origem abandonada à qual é imperativo voltar.

O que fica para trás deixa de fazer sentido perante esta descoberta; não há a fúria do vento, da chuva, do mar e dos rios. Não há desalento, contentamento, inquietação, valentia. Não há tempo para passar nem espaço para ocupar. Não

vejo, não ouço, não toco, mas existo com a liberdade esquecida de existir.

Deleita-me o privilégio da ousadia; de ser, ir e fazer sem senão. O encantamento da semelhança aos olhos dos que me rodeiam de amor estendido, metamorfose perfeita de braços e abraços apertados, ou palavras tão lindas quanto ocas.

Não reconheço este novo sentir, de tão perdido; sequer me lembro, sem saudade, da insônia, tão distante como todo o resto. Estou longe, longe, longe... algures, num desejo realizado...

Então, um raio de sol maroto nasce, traz-me de volta a este mundo povoado e solitário, barulhento e silencioso, brilhante e escuro, abundante e escasso, onde é tão difícil sonhar.

A MENINA QUE ESPANAVA OS LIVROS DO IMPERADOR

Vera Lúcia de Oliveira

Eram três meninas do Brasil: Isabel, Leopoldina e Rosário. Isabel e Leopoldina eram irmãs, nascidas princesas, herdeiras do trono brasileiro. Eram filhas do imperador Pedro II. E havia Rosário que também era princesa, mas de outros costados, pois era filha e neta de reis africanos. Nascida na comunidade chamada Pequena África, no Rio de Janeiro. Sem reino, no entanto, porque era escrava das meninas de pele branca e olhos azuis. Rosário era uma menina singular até no nome que termina em o, pouco comum nos nomes femininos no Brasil. Tudo nela era realmente especial. Podemos até chamá-la de menina-prodígio, como veremos adiante.

Rosário é a personagem-narradora de *Rosário, Isabel e Leopoldina – entre sonhos e deveres*, de Margarida Patriota (RJ: Pallas, 2021), livro encantador que em tudo lembra um conto de fadas. Na verdade, é um conto de fadas das princesas do Brasil, Isabel e Leopoldina, que se casarão com príncipes europeus e serão felizes para sempre.

A inteligente Rosário é filha e neta de negros. O avô fora rei na Grande África congoleza; o pai, Tino, na Pequena África, comunidade do Rio de Janeiro reduto de escravizados, na segunda metade do século 19.

Margarida escreveu uma bela história sobre a vida das princesas, da infância à juventude, quando foram destinadas ao casamento. Como contraponto à história das princesas brancas de olhos claros, colocou o ponto de vista no olhar e participação da menina negra e escrava, Rosário. É muito nítida a oposição entre os dois mundos, o das regras e etiquetas rígidas do Palácio de São Cristóvão, residência da Família Real, e o do mun-

do das festas e cantorias do reduto escravo e da dança chamada capoeira que, após a libertação dos escravos pela princesa Isabel, em 1888, foi criminalizada pelos republicanos da primeira hora. Rosário transita nesses dois mundos desde pequeninha, nos quais se sente igualmente à vontade. Menina precoce, interessa-se por tudo e surpreende o leitor por sua inteligência e discernimento. No palácio, cai nas graças de todos e é encarregada de espanar os livros da biblioteca do imperador, função que a encanta e desafia, não sem antes ter cuidado da limpeza dos urinóis, das bacias de higiene e das escarradeiras. Descobre agora os livros, cresce, torna-se madura e vê a vida com outros olhos.

O livro de Margarida é dirigido ao público em geral, embora, à primeira vista, possa caracterizar-se como infante-juvenil. Mas, repetimos, a leitura prazerosa não tem idade. O aspecto didático fica por conta dos boxes com esclarecimentos sobre fatos, lugares e personagens que povoaram a nossa história, facilitando a compreensão para os mais jovens.

O tema desenvolvido pela autora é muito pertinente e atual, pois fala de segregação, direitos e liberdade. E de bondade, enfatizada pela presença do imperador como governante justo e humano, bem como a das duas princesas que alforriaram os trabalhadores negros, levando-nos a questionar o trabalho escravo, adulto e infantil, que persiste vergonhosamente no Brasil profundo de hoje. E a discussão necessária sobre a escolarização das crianças que, na narrativa, passa em branco, restrita aos privilegiados. Por isso Rosário nos encanta e surpreende ao buscar a própria

instrução. Ao espanar os livros, tira também a poeira dos olhos e vê surgir por meio da palavra as histórias bonitas de Tristão e Isolda, Dom Quixote e a poesia de Camões, um mundo distante que a faz sonhar e viajar. Não demora que som e letra se juntem e ganhem significação, descortinando novos horizontes de deslumbramento para a pequena Rosário, dando sentido ao seu desejo de ser livre e dona do seu destino. Há entre esses dois universos um abismo, pois, enquanto Isabel e Leopoldina têm o destino traçado, Rosário deverá traçar o seu. Vidas que seguem paralelas e que constituirão a sociedade futura do nosso país.

A multitalentosa e premiada autora Margarida Patriota, que vai do romance à poesia, da tradução impecável de autores ingleses e franceses à literatura infantil, passando pelo ensaio, com trinta livros publicados, traz agora esse pequeno romance delicado que nos leva à reflexão sobre a história do país que, mesmo tendo sido governado por uma família imperial humanista, o saldo é a desigualdade atual, em que as três meninas do Brasil, as três graças, três pequenos corações inocentes que não se misturaram, não tiveram culpa. A culpa está na origem. O que temos nessa história é um retrato metafórico: enquanto as duas princesas posavam para Biard, o pintor francês cheio de erros, a menina negra destronada assistia à cena como cuidadora delas. Não entrou no quadro.

História que cada vez mais precisa ser revista para que todas as meninas do Brasil de hoje saiam juntas, e bem, na foto.

AS BIOGRAFIAS ESPALHADAS PELAS PÁGINAS DE CASCOS E CAMINHOS

Sônia Elizabeth Nascimento Costa

Salomão Sousa, poeta incrível, de linguagem rara, preciosa, sem facilidades, sem comodismos. Mais uma vez usufruí o prazer de ler uma obra desse autor tão apaixonado pela poesia, a ponto de desnudá-la com carinho, competência e altruísmo. Seu verbo, embora soe cru, áspero (aos menos avisados) é de uma simbologia e força que merece todos os nossos aplausos e reconhecimentos. E digo, sem pestanejar: é um dos poetas que mais gosto de ler no meu cotidiano. Em anotação de papel colocada no início do livro, avulsa, Salomão já nos adverte (e isso constatamos na leitura de cada poema) que “Trata-se do meu livro mais pessoal, mais íntimo dos percursos de minha vida. Os poemas recuperam traços da memória e das observações instantâneas do que emergia à beira de minhas ocupações. O que me apodrece é o que me recupera, é o que salva a lembrança...”. Penso que o poeta em evidência deve habitar bem próximo do meio ambiente, matas etc., já que sempre em suas postagens refere-se aos pequenos insetos que adentram sua casa, como hospedeiros, já no fim da existência, assim como caminha fotografando tudo aquilo que é belo e pequeno na Mãe Natureza, o que passa muitas vezes despercebido aos olhos humanos que não enxergam a essência das coisas. Ou seja, Salomão Sousa é uma espécie de Manoel de Barros nas searas de Goiás.

Encontro uma “ressaca de mundos” no poema “Biografia do natimorto”, assim como curvo-me diante da constatação de misérias e morticínios em “Biografia do jirau” em dois tempos, embevecida

com versos desse nível: “... O inseto não é insone e para eclodir o parasita sabe quando./Sabe quando há água e quando há sangue./A criança é uma vitória contra o aborto...” (pg. 18). E surto, no bom sentido, claro, com tão rica retórica: “Um homem/não é um prego para estar quieto/fixo num tarugo, para deteriorar/na ferrugem...” (“Biografia do quarto seguida de algumas adjacências” - pg. 20). E, com sapiência, nos diz: “... Quem arrasta a estrada para o lodaçal/não inventa outros jeitos de sair do charco...” (“Biografia da estrada” - pg. 27). E deslinda o corpo, essa geografia marítima que temos como invólucro: “Pertence ao corpo mover-se sob/nossos pensamentos, ordens que lhe atribuímos/sem consultar a fruição do sangue...” (“Biografia do corpo” - pg. 30). Uma verdadeira obra prima, leitores, o poema “Biografia da bacia antes de ser floreira” (pg. 34), bem escrito, coordenado, inspirado e suado. Os poemas de Salomão Sousa trazem aconchego, passado, vida vivida e relembra-da, remontando presenças, pretéritos. Salomão não é o viajante pleno, estrangeiro, mas canta sua aldeia colocando nela todo o universo. Isso é bonito, salutar. Gosto disso. Tudo que disse está, por exemplo, em “Biografia da travessia do arco-íris” (pg. 38), belíssimo, assim como na singeleza objetiva de “Biografia do balcão”, onde é sentimento: “...Quem limpa o balcão aprende o que é a janela,/o que são os seios a repousarem no peitoril...” (pg. 39). Como não destacar a grandiosidade de um poema como “A Biografia de Jeroni” (pg. 49), assim como a “Bio-

grafia da avó índia”: “...Ter uma avó índia/é ter um corpo ao qual assemelhar-se/e também mãos a encher uma despensa...” (pg. 53). Louvo a “Biografia da cidade visível” (pg. 55), e descubro a impotência humana diante da grandeza da natureza, assim: “... A romãzeira enfia um galho ao solo/ e desse caule se renasce./ E não consigo esse reverdecer;/essa sucessão de frutos...” (pg. 60). E a pepita de ouro em forma de verso: “...A flor não dispara o projétil”. (“Biografia das parcelas” - pg. 82). Isso de ir contra a maré, de ser sublime, humanamente racional na racionalidade de ser humano: “Quem incendeia pode estar contrariado/com nosso facho/nossa aceitação do pássaro...” (“Intervalo para o encaixe” - pg. 96).

Como o heterônimo Alberto Caeiro, de Fernando Pessoa, Salomão Sousa ama a natureza e todos os seus elementos, mas sabendo que ela é o que é e o que podemos ver dela, sem invenções ou romantismos demais. É irmão das plantas, dos insetos, mas no simbolismo deles, nas estruturas, veias, sangue, dejetos, existência, enfim. Nada quer mudar nem idealizar. Muitíssimo válido. A arte da capa, de Carlos Alberto, tem uma velha ferradura no meio de uma espécie de lixo ou amontoados de coisas inúteis (úteis). A orelha tem assinatura de Alexandra Vieira de Almeida e Wil Prado. Uma boa fortuna crítica no fim e selo da Gráfica Serafim. Reitero que Salomão Sousa é um dos grandes poetas que leio e releio. E a cada releitura novas descobertas. Nada engessado por aqui.

CEDROS

Raquel Naveira

Os cedros são árvores imponentes, imensas, agrupadas como broches verdes. Cones majestosos que se espalhavam pelas montanhas da região mediterrânea. Suas altas folhagens buscavam o sol total, enquanto suas raízes se encharcavam nos regatos. Dos seus troncos sagrados saíram navios, altares e templos. Testemunharam impérios, religiões e raças. Por tudo isso, a bandeira do Líbano traz ao centro o cedro como símbolo nacional. Nada poderia mesmo se comparar à grandeza desse cedro. Aves do céu se aninhavam em seus ramos, animais eram gerados sob sua copa. Quando o cortaram, a nação cobriu-se de preto e terrível foi o som de sua queda.

Hoje o cedro é comum e encontra-se por todo o mundo em parques, jardins e avenidas. Há uma cidade de Mato Grosso do Sul que ficou famosa por causa de um pé-de-cedro: Coxim, município da parte norte do Estado, dominada antigamente por índios das etnias Carapó e Bororó. Aliás, “cojin”, em língua bororó, significa “peixe”. Coxim é ponto de pesca, com rios, cachoeiras, seras, lindas paisagens.

O compositor Zacarias Mourão escreveu a letra da emblemática canção “Pé de cedro”, que começa assim: “Foi no belo Mato Grosso, há vinte anos atrás/ Naquele tempo querido que não volta nunca mais/ Nas matas onde eu caçava, um pequeno arbusto achei/ levando pra minha casa no meu quintal eu plantei.” O menino partiu para longe, para amar e sofrer. Quando voltou ao seu lar, reencontrou o pé de cedro crescido, frondoso. Chorou de mágoa e de saudade de um tempo passado, o tempo mágico da infância, agora revivido.

Zacarias (1928-1989) viveu em Petrópolis, Rio de Janeiro, mas não se adaptou por lá. Resolveu morar em São Paulo, onde se tornou Policial Rodoviário. Cursos também jornalismo na Faculdade Casper Líbero. Foi radialista, produtor, empresário, diretor da Rádio Bandeirantes. Ganhou diversos prêmios em festivais de música sertaneja. Gravou sucessos com as Irmãs Galvão, Tibagi e Miltinho, Dino Rocha, entre outros. Algumas de suas músicas: “A Estrela que surgiu”, com Mário Albanese, “Alvorada de Coxim”, com Jorge Castello, “Cantar de Seriema”, com Nízio. Os títulos revelam a profunda

ligação com sua terra e com o universo.

Retornou a Mato Grosso do Sul, que era seu maior sonho, em 1981, sempre trabalhando em rádio e TV. Oito anos depois, teve a vida interrompida numa madrugada fria. Aos 61 anos, foi encontrado morto dentro de casa, com uma facada na altura do coração. O assassinato permanece misterioso e não esclarecido até os dias de hoje.

Depois dessa tragédia, foi erguido em Coxim um busto de Zacarias Mourão, perto do pé-de-cedro. Outros cedros foram plantados na praça pública, espaço comunitário e local turístico.

O muralista e street art Eduardo Kobra (1975), que tem obras por países como Estados Unidos, França, Rússia e Itália, criou um painel: entre mosaicos multicoloridos, o retrato realista do rosto de Zacarias Moutão e um braço suspenso, tocando eternamente as cordas de um violão.

Não se esquecerá jamais que um poeta, comovido e abatido, regou com lágrimas e sangue as raízes dos cedros aromáticos que crescem naquele portal pantaneiro.

TRÊS DEDOS DE PROSA

Danilo Gomes

Nostalgia

Nostalgia é um sentimento que acomete grande parte da humanidade. A palavra está nos dicionários, todo mundo conhece, mesmo aqueles que se mantêm ilesos à conhecida patologia. Mas aonde quero chegar? Quero chegar, senhores, à história da palavra. A ensinança vem do erudito escritor argentino-canadense Alberto Manguel.

Está na pág. 129 do livro *Os livros e os dias*, do supramencionado autor de muitas obras e antigo amigo e leitor do cego poeta Jorge Luis Borges. Esse livro (cujo título nos remete a “Os trabalhos e os dias”, do poeta grego Hesíodo) foi traduzido no Brasil por José Geraldo Couto para a Companhia das Letras, SP, 2005. Eis o trecho:

“A palavra “nostalgia” foi inventada em 22 de junho de 1688 por Johannes Hofer, um estudante de medicina alsaciano, mediante a combinação da palavra *nostros* (“retorno”) com a palavra *algos* (“dor”) em sua tese de medicina, *Dissertatio medica de nostalgia*, para descrever a enfermidade dos soldados suíços mantidos longe de suas montanhas.”

A palavra pegou e correu mundo. A nostalgia da infância é talvez a mais conhecida modalidade desse agudo sentimento. Livros de memórias estão aí, a mancheias... Muita gente tem saudade dos seus casimirianos oito anos de idade, “da aurora da minha vida, / da minha infância querida/ que os anos não trazem mais!” Grande e sofrido poeta fluminense Casimiro de Abreu, que morreu na flor da mocidade!

Repletos de nostalgia e de sua sucedânea, a melancolia, são os livros de memórias do poeta carioca Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), *As florestas*, *O galo branco* e *Paisagens e seres*, todos excelentíssimos.

Nobel para uma autodidata

No livro *Inverno de biquíni* (Rio, Record, 1964) do hoje esquecido Henrique Pongetti, encontramos a crônica intitulada “De um caderno de viagem”, que começa assim:

“Sardenha bíblica das virgens intocáveis e dos nuraghi. Sigo na auto-pullman de Cagliari a Nuoro, numa das manhãs de fogo da ilha. Em certas aldeias primitivas do caminho vejo os personagens de Grazia Deledda nas suas roupas típicas. São tão estranhos ao barulho de um motor, tão fora do meu tempo, que penso em miragens de viajante enfeitado pela literatura regionalista.”

Mais adiante, na pág. 122:

“Grazia Deledda, Prêmio Nobel de Literatura, tem em Nuoro uma casa e uma rua com seu nome. A casa foi adquirida pelo seu amigo Elias Sanna, que nela vive e a transformou num museu de recordações da escritora.”

A mais interessante informação vem em seguida, o grande cronista ainda se referindo a Elias Sanna:

“Insiste no fato de a Deledda haver conquistado o Prêmio Nobel sem haver passado da quarta classe primária repetida espontaneamente, várias vezes, pela falta de um curso mais adiantado e pelo prazer de continuar aluna. Mostra a página do livro onde a escritora conta humildemente a breve história dos seus poucos estudos. Repisa a palavra AUTODIDATA como se o dinheiro do Prêmio Nobel devesse ser duplicado pelo fato de o premiado o haver obtido sem um título de doutor.”

E Henrique Pongetti, exímio narrador, conclui sua página sobre a ilha da Sardenha e a laureada escritora italiana, hoje esquecida:

“Nas portas das casas de um beco vejo, cochilando, alguns velhos com seus bonés semelhantes aos das figuras de bronze pré-históricas descobertas nas ruínas nurágicas; com seus saíotes de inspiração grega; com sua solidão de fantasmas. O ronco dos motores não chega aos seus ouvidos. São os personagens de Grazia Deledda: desaparecerão com o último exemplar de seus livros; fazem o sacrifício de sobreviver por causa de seus livros.”

O Google nos informa que Grazia Deledda nasceu em Nuoro, na Sardenha, em 1871, e morreu em Roma, em 1936. O Prêmio Nobel de Literatura lhe caiu nas mãos (e na bolsa) em 1926. Seus livros descrevem os costumes sardos.

Alguns títulos de seus livros: *La via del male*, *Annalena Bilsini*, *Colombi e Sparvieri*, *Marianna Sirca*, *L'edera*, *Canne al vento*. O livro que definiu o Nobel para ela foi justamente esse “Canne al vento”, traduzido em português por *Canções ao vento*.

Grazia Maria Cosima Damiana Deledda passou a infância e toda a vida entre os livros, mas teve apenas formação primária. Não cursou ginásio (liceu) ou universidade. Casou-se com Palmiro Madesani e o casal teve um filho e uma filha.

Autodidatas, como a premiada escritora italiana, foram não poucos escritores de grande talento. Entre nós, o carioca Machado de Assis e o mineiro Eduardo Frieiro (1889-1982), com quem convivi em Belo Horizonte, na década de 1960 e que é personagem do recente livro de Pedro Rogério Couto Moreira, *Sob o céu de Belo Horizonte – Diário de um leitor voyeur*. Eduardo Frieiro, que mal fez o curso primário, foi professor catedrático de Literatura Espanhola e Hispano-Americana na

UFMG e autor de vários livros, entre eles *Feijão, angu e couve*, *Os livros, nossos amigos*, *O elmo de Mambrino*, *O Cabo das tormentas* e *O diabo na livraria do cônego*. Leitor infatigável, tornou-se um erudito, um scholar. O memorialista Pedro Rogério Moreira registra que Frieiro começou ainda jovem a trabalhar na Imprensa Oficial do Estado como tipógrafo e “foi revisor, redator e secretário de diretoria.” Escolhi Eduardo Frieiro, em 1987, para meu patrono na Academia de Letras do Brasil, hoje presidida pelo escritor e professor Flávio R. Kothe, da UnB.

O esquecido Henrique Pongetti

Jornalista, colaborador de jornais e revistas, romancista, dramaturgo e, principalmente, cronista — um dos melhores do Brasil —, Henrique Pongetti nasceu em Juiz de Fora, MG, em 1898, passou a infância e a adolescência em Petrópolis, morou e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1979. Com humor ele reclamava que, em Juiz de Fora, era considerado petropolitano e, em Petrópolis, era tido como mineiro. Acabou adotando o Rio de Janeiro como a sua amada cidade.

Destaco apenas seus livros de crônicas: *Inverno em biquíni*, *O carregador de lembranças*, *Entrada no aeroporto* e *Alta infidelidade*.

Nosso cronista conheceu profundamente a vida boêmia do Rio de Janeiro, as chamadas altas rodas, os “reis da noite” Carlos Machado e o Barão Von Stuckart (seus amigos), o refinado Top Club e o requintado Sacha's, onde se pavoneava o chamado “café-soçaite”, cujas ridicularias ele ironizou com muita elegância e sarcasmo. Era um gentleman e um globe-trotter. Era um homem elegante, um chamado “boa pinta”; parecia um astro do cinema italiano.

Para concluir este terceiro dedo de prosa deixo registrado que Henrique Pongetti participa da antologia de crônicas *Vozes da cidade*, publicada no Rio pela Record em 1965. Ali ele está ao lado de cronistas da grandeza de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Genolino Amado, Maluh de Ouro Preto, Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz. Essas crônicas antológicas foram lidas com muito sucesso na Rádio Roquette Pinto.

Na segunda “orelha” desse volume de 211 páginas, lemos este breve perfil: “Henrique Pongetti, cronista famoso e de estilo cintilante, às vezes acerado, às vezes sentimental, que se diverte de tempos em tempos em ser teatrólogo.”

Seus livros merecem urgente reedição, especialmente os de crônicas, muitas das quais certamente estão no Portal da Crônica Brasileira, criado pelo mestre da crônica e biógrafo de escritores Humberto Werneck.

O CANTO DOS PÁSSAROS

Anderson Braga Horta

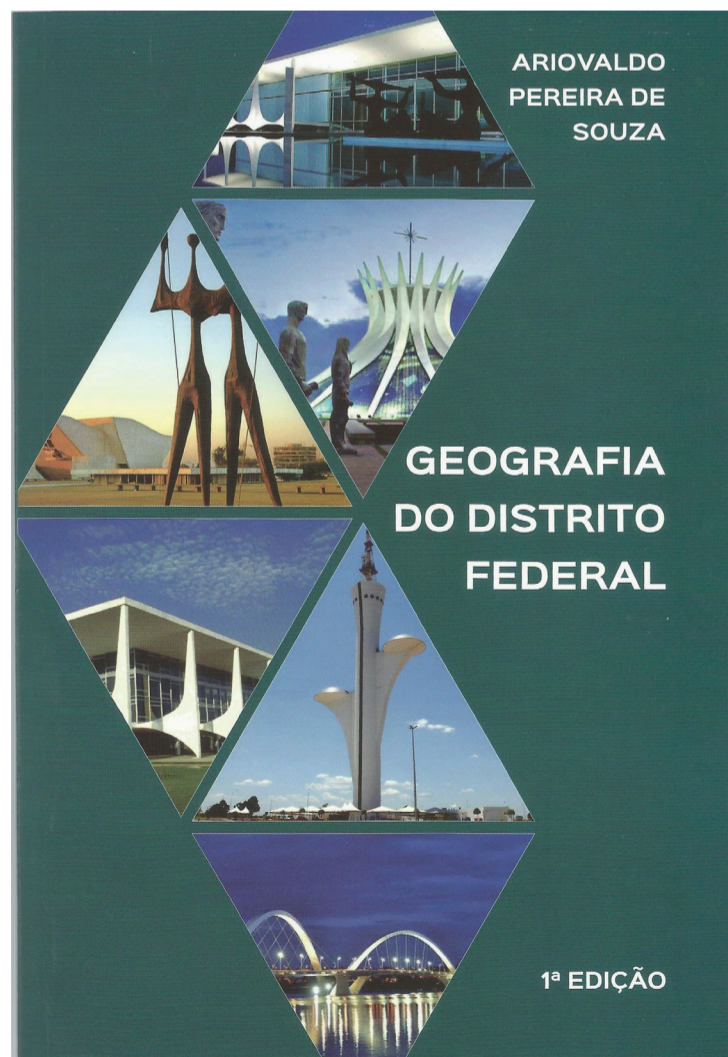
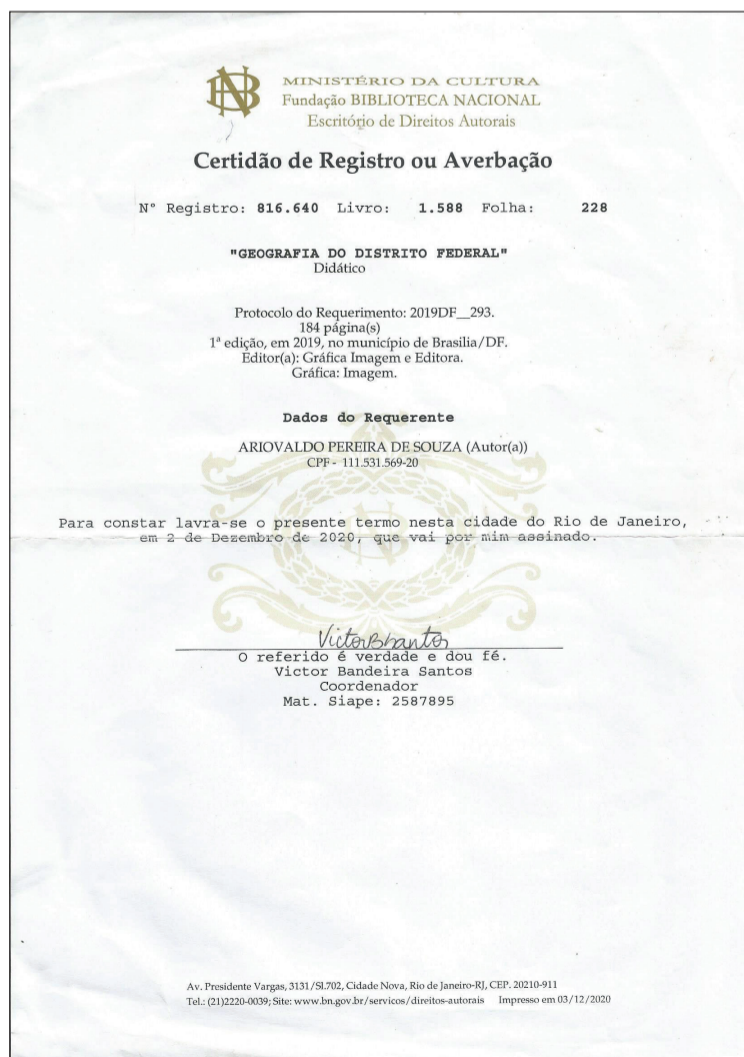
Será mesmo assim? Alguns desses cantos são tão elaborados que soam, para mim, como um cravo bem temperado, não como uma série de sons aleatoriamente fixados no curso evolutivo. Para o objetivo a que se destinam precisariam ser tão refinadamente harmônicos e maviosos como os de um sabiá? Se as fêmeas da espécie exigem tal refinamento, indiferentes a dotes de menor cabedal, e se os machos o atingiram, suponho que tenha havido para isso uma boa dose de esforço, de criatividade individual, na origem. Sim, é certo que os pássaros chegam a tal refinamento movidos pela *intenção* de comover e seduzir a outra “metade”, mas para tanto recorrem a uma *performance* que não hesito em qualificar de estética. O lendário uirapuru, que

não desce em meu quintal, mas que a moderna tecnologia nos exhibe em som e movimento, em canto e plumagem, na tela de televisão, como não pensar que seu complexo e bellissimo espetáculo repousa numa evolução longuíssima, nalgum de cujos infinitos pontos se passou, como que por encanto, do meramente funcional ao estético? Falo de uma estética de formação coletiva, é claro, o que não a descaracteriza; até porque o primeiro passo da ruptura e da renovação terá sido dado, necessariamente, por um indivíduo da coletividade. Uma estética não gratuita, uma *estética interessada*, sim – mas no âmbito humano quantas vezes não é assim mesmo que ocorre?

Mas não gastemos todo o tempo em pensar. Voltemos ao quintal, em que um mundo se agita.

Olham de longe os gaviões e os urubus oportunistas; as pombas limitam-se a sobrevoar o pequeno território, vez por outra pousando nas telhas da churrasqueira; bem no alto, cruza o céu um casal de araras, no solidário voo imperial. Os mais íntimos – ou mais atrevidos – como que nos cumprimentam, discretos uns, outros com estardalhaço. E no palco aberto, sem batuta aparente que a ordene, a *maestosa sinfonia* reúne de anos e rolinhas a bem-te-vis e sabiás, mais um sem-número de pássaros que minha ignorância ornitológica não distingue; e dos metais à percussão e às cordas, do grave ao soprano, das espessuras corais ao alto e claro das prima-donas viajamos em suas modulações – suaves ou rascantes, inigualáveis em sua magnificência.

GEOGRAFIA DO DISTRITO FEDERAL, LIVRO DIDÁTICO DE ARIOVALDO PEREIRA DE SOUZA, É REGISTRADO NA BIBLIOTECA NACIONAL



SÓ SOMOS LIVRES QUANDO NOS AMAMOS: UMA RESENHA CRÍTICA DO LIVRO “POR FAVOR, CUIDE DA MAMÃE”

Mariana Vieira Moura*

Escrevo esta resenha após um Dia das Mães ausente. Faz cinco meses que iniciei minha jornada solitária morando em um apartamento na cidade de São Paulo. A pandemia não me deixa ver minha mãe. Enquanto ela está no lado dourado do país, cheio de coqueiros e maresias, e onde a pandemia tem sido mais ou menos controlada, eu estou na cidade que virou um cemitério vivo. São Paulo soa como um cemitério que grita, em brasa. O que me reanima são meus livros enfileirados na estante, que funcionam como minha mesa de santos. São minha segurança. Quando toquei no livro de Kyung-sook Shin, senti que seria difícil. Uma história de uma mãe desaparecida em um ano tão doloroso. Seria uma facada. E na primeira leitura, foi. Porém, na segunda, eu entendi a beleza do livro, consegui me enxergar na filha escritora e entender também o que fez florescer a maior liberdade na qual vivo, a possibilidade de ter saído da minha cidade natal e ido viver meu sonho. Aos leitores que também vivem em uma solidão do novo e em uma descoberta de novas galáxias, espero que ao terminar esse livro possam ver que há uma rede que sustenta nossos corpos suspensos no céu. Uma rede costurada de pessoas que constroem nossa liberdade.

A história tocante criada por Kyung-sook Shin, autora do best-seller sul-coreano *Por Favor, cuide da mamãe*¹ começa a firmar suas delicadas garras no coração do leitor com a narração de uma escritora, Chi-hon, que está desesperada à procura de sua mãe, Park So-nyo. A narrativa inicia-se com a escritora e, posteriormente, vamos conhecendo os outros filhos de Park e o seu marido, com um capítulo destinado à perspectiva de cada um. A mãe desaparece no metrô da estação de Seul, ao perder-se do marido.

Os familiares da matriarca sumida possuem sua voz em segunda pessoa, ou seja, só se referem a si mesmos com “você” ou “tu”, à exceção do filho mais velho. O leitor sente na pele como se fosse um familiar egoísta que pouco sabe sobre sua própria mãe. Você não pode negar, você só pode se deparar com acusações sobre quem você é. Você não sabe a idade da sua mãe. Você não sabe quando começou a perceber que sua mãe não sabia ler. Também não sabe quando as dores de cabeça dela começaram. Você pouco também reconhece todo o sacrifício da sua mãe para que seus filhos fossem espíritos livres.

Para entender a liberdade que Park So-nyo entrega para seus filhos, pode-se pescar uma memória de Chi-hon, a escritora. Em um passado de escassez durante a época de crise pós-guerra coreana², a menina pede um livro de presente à mãe. O livro era intitulado: *Humano, demasiado humano*³, escrito pelo filósofo cético Friedrich Nietzsche. Esse livro, como bem Nietzsche detalha, é destinado aos espíritos livres: “uma coisa une e distingue todos os meus livros (...): todos eles contêm (...) redes para pássaros incautos” (NIETZSCHE, 2005, p.5)

Tal livro presenteado versava sobre a quebra das tradições e advogava que o caminho do conhecimento envolvia uma visão da vida que quebrasse os costumes e as morais pré-estabelecidas. Porém, mesmo esse sendo o único presente da mãe, um livro do mesmo autor de *O Anticristo*, a narrativa surpreendentemente termina com Chi-hon (a presenteada) rezando no país mais católico do mundo, o Vaticano, com um rosário feito de pau rosa. Para começarmos a entender a lógica sequencial de tais cenas contrastantes, apresentadas entre o início e o término da narrativa, devemos notar que a coerência está justificada pelo símbolo do rosário de pau rosa, apresentado na história.

Com efeito, após citarmos a relação inicial de contradição entre a oração e o livro, devemos focar no rosário de pau rosa. Esse artefato funciona como uma arma de Tchekhov. Tal artifício literário, criado pelo escritor russo, determina que quando há uma pistola no livro, em um momento terá que ser puxado o gatilho, pois tudo que está presente no texto tem um motivo. Na trama, a preparação do gatilho foi pelas mãos da própria Park So-nyo. “Qual é o menor país do mundo? Mamãe pediu que você lhe trouxesse contas de rosário rosa se alguma vez fosse a esse país.” (p.38). A mãe justificou: “Porque você pode ir a qualquer lugar” (p.39). A mãe gostaria de receber o rosário como um presente, um símbolo da emancipação da filha. O conhecimento e o progresso da filha possibilitaram essa liberdade. Portanto, Chi-hon poderia ir a qualquer país, graças a essa possibilidade. De fato, essa questão da emancipação pelo conhecimento que o livro revela possui raízes na história de soerguimento econômico da Coreia do Sul pelo investimento em educação.⁴

Além do conhecimento, esse livro também fala da importância do afeto e das conexões humanas que possibilitam as condições para o progresso real de um país. Devemos citar um trecho da entrevista da autora para entendermos melhor sua men-

sagem. Kyung-sook Shin, uma autora que nasceu perto de uma aldeia em Jeongup, na península sul-coreana, em 1963, possui diversos livros premiados e atualmente trabalha como professora convidada da Universidade Columbia, Estados Unidos. A autora, ao ser questionada em uma entrevista⁵ para a Korea Society, sobre o porquê do livro *Por Favor, cuide da mamãe* tornar-se premiado (ganhador do prêmio Man Asian Literature) e sucesso em vendas no mundo todo, acertadamente, indica:

Nessa época, com as pessoas sendo delicadas com as relações e sentindo as consequências negativas da sociedade moderna, eu pensei que deveríamos reconsiderar os significados básicos da mãe. (...) Tudo que a mãe toca desabrocha e brilha, a mãe não deveria ser a única a fazer isso. Todos deveríamos ser uma mãe entre nós. (6min32s-7min, 2011, entrevista, tradução do inglês livre).

De fato, como a autora aponta, a sensação de perda de compaixão familiar é um fator global, em que cada vez mais, no capitalismo, somos levados a um ritmo de produção e trabalho que nos afasta das relações de carinho e proximidade. A mãe torna-se, portanto, um arquétipo. Um arquétipo da compaixão e solidariedade. No livro, mesmo com os personagens que eram filhos dessa mãe prosperando economicamente, todos sentem em seu interior: “mamãe é a pessoa que você tem vontade de chamar toda vez que você se desespera com alguma coisa nessa cidade” (p.17).

Como bem visto no texto de Shin, esse chamado desesperado para o arquétipo do cuidado e da solidariedade está permeado de sentido por meio do ato da leitura. De fato, a emancipação por meio do estudo e do conhecimento só foi possível graças ao esforço da mãe. Quem materialmente levou esses espíritos a serem livres foram os gritos e sacrifícios de Park So-nyo: “Do que adianta ter uma casa se você não pode sequer mandar seus filhos à escola? Eu devia quebrar tudo!” (p.34). Essa fala foi feita para exigir que a filha escritora conseguisse ir para a escola e também que aprendesse a ler. Se não houvesse leitura nem escola, não existiria escrita.

Ademais, não foi somente para essa filha que a mãe lutou para que houvesse os louros do conhecimento. Apesar de ser analfabeta, a mãe lutou para que todos os membros da sua família estudassem. O sonho para seu filho, Hyong-chol, era que fosse promotor público e quando ele desistiu de tal objetivo e conseguiu um cargo em uma empresa, ela perguntou: “O que aconteceu com o que você pretendia ser?” (p.77). Também havia uma filha, Yun, que tinha se estabelecido como dona de casa, com três crianças. A mãe fez questão de levá-la para o jardim primário, determinada a aprender a escrever o próprio nome junto com a filha. Antes, com seus outros filhos, nunca havia conseguido acompanhá-los à escola. Em relação a essa filha, quando ela cresce e se estabelece como dona de casa, a mãe questiona: “Como você consegue viver assim?” (p.150). O filho, por sua vez, reflete: “Mamãe, quando mais jovem, era uma presença que o incentivava a continuar construindo sua determinação como homem, como ser humano” (p.77).

No capítulo escrito pela perspectiva do marido de Park So-nyo, descobrimos que a esposa cuidava também de sua comunidade e doava dinheiro para um orfanato. E inclusive prometia para um menino chamado Kyun, comprar uma pasta para livros e uniformes quando esse fosse para o ensino médio (p.100). Se a questão do investimento na educação já aparece claramente, ainda nos deparamos com um dos fatos mais melancólicos do livro. O suicídio do cunhado de Park So-nyo, também (coincidentemente) nomeado de Kyun, que se suicidou após uma vida assustadora na cidade grande na qual nunca conseguiu realizar seu sonho, o de estudar no ensino médio. Quem incentivou e lutou para que ele se formasse foi a própria Park So-nyo, que insistiu que, para levá-lo para escola, vendessem o jardim (p.127).

E por fim, também descobrimos que a mãe estava aprendendo a ler e o livro que fazia questão de ler era o livro escrito por sua filha. De forma emocionante, a contradição entre os espíritos livres nietzschianos e o teor cristão do fim da trama perde toda sua oposição: somente com o afeto, os espíritos se libertam. A leitura e o aprendizado no livro todo foram regidos pelo afeto. A arma de Tchekov do livro, o rosário de pau rosa, que recebe inclusive o título de epílogo (p.179), fecha todas as pontas soltas. O livro termina em oração com a peça dramática.

Em uma entrevista⁶ sobre seu livro novo, *Sociedade paliativa: a dor hoje*, o filósofo de origem sul-coreana, Byung-Chul Han, brilhantemente alerta: “Eu acredito que os seres humanos alcançam o auge da beleza quando oram. É por isso que gosto de ir às igrejas. Sem dor, não conseguirão orar”. De fato, em tal livro, o autor argumenta que as dores não serão curadas somente com hospitais. Essa sociedade somente busca

métodos paliativos, quando a verdadeira cura está na solidariedade e no carinho. Não se podem enganar os sentimentos. Permitir-se sentir a dor e pedir ajuda, isso é o que realmente cura.

O mesmo autor, em seu livro *A agonia de Eros*⁷, argumenta que o amor se perde na individualidade. Em uma sociedade narcisista que não aceita o diferente, o Outro começa a sumir e não podemos viver a relação em si. Segundo o filósofo, o sujeito narcisista “não consegue estabelecer claramente seus limites (...) o mundo se lhe afigura como sombreamentos projetados de si mesmo. Ele não consegue perceber o outro em sua alteridade e reconhecer essa alteridade” (HAN, p.6).

Essa explicação torna mais clara a escolha de um capítulo para cada membro da família da mãe desaparecida. Cada um possui um fragmento de história da mãe, mas não conseguem delimitar exatamente quem é essa mulher (nem o ano de seu nascimento exatamente o sabem). Nesse ponto, até a mãe começa a se esquecer de si mesma; com uma hemorragia cerebral, aos poucos seu cérebro vai destruindo a sua identidade, mas não consegue pedir ajuda e se recusa a ir para o hospital. Seu maior ponto de apoio, um amor secreto, ela desiste de procurar. Desse modo, não resta nenhum Outro para que a mãe pedisse ajuda.

A mãe decide destruir seus próprios pertences e ir sumindo aos poucos, até sua cabeça a destruir. As perguntas que ficam: será que ela teria ido ao hospital se os seus filhos tivessem decidido acompanhar seu ritmo? Se andassem um pouco mais devagar? Se a mãe pudesse falar tudo que estivesse na sua cabeça? Essa é a pergunta que o marido se faz. “Você até parava e esperava por ela, mas nunca caminhou ao seu lado, conversando com ela, como ela queria, nem uma vez sequer.” (p.117)

De fato, esse livro nos lembra que o desenvolvimento só existe com solidariedade. Só existe com as pessoas que nos incentivam. Dessa forma, entende-se mais profundamente o fim do livro, com o epílogo por conta da escritora, orando por sua mãe. Como Nietzsche declamou: “Um bom escritor não tem apenas o seu próprio espírito, mas também o espírito de seus amigos” (NIETZSCHE, 2005, p.76.)

E, assim, após terminar de escrever essa resenha, olho com carinho para as memórias. As memórias com aqueles que amo e que me ajudaram a construir meu sonho e minha solidão escolhida. Dessa forma, graças ao livro de Kyung-sook Shin, posso enviar uma mensagem de carinho à minha mãe. Mãe, se meu espírito de escritora existe, é porque o seu espírito também esteve ao meu lado. Mal posso esperar para que possamos viajar juntas.

* Participante premiada pela ANE e pelo LTI, entre 27 concorrentes de 9 países.

1. SHIN, Kyung-sook. *Por Favor, cuide da mamãe*. Ed. Digital. Tradução de Flavia Rossler. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2012
2. A mãe nasceu em 1938 e a guerra das coreias, entre a Coreia socialista e a capitalista, durou oficialmente até 1953, período em que foi assinado o armistício. Após esse momento, a Coreia do Sul encontrou-se em um período de pobreza intensa, com metade da área industrial destruída (FLEURY e FLEURY, 1997, apud MILTONS; MICHELON, 2007, p.9)
3. NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*: 1 ed. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2005.
4. A Coreia do Sul possui um investimento econômico em educação que alavancou o país como potência mundial. Esse investimento estatal ocorreu, principalmente, entre 1960 e 1996. Vale citar a conquista da universalização do ensino básico, no fim da década de 60, e do ensino médio, na década de 1980. MILTONS M.M; MICHELON E. *Educação e crescimento econômico na Coreia do Sul*. 2007. Disponível em: <encurtador.com.br/dfgj3> Acesso em: 12 de maio de 2020.
5. SHIN, Kyung-sook. Entrevista com a autora Kyung-sook Shin [3 de agosto, 2011]. The Korea Society. Entrevista concedida a Jin Young Choi. Disponível em: <https://vimeo.com/27259012>. Acesso em: 12 de maio de 2020.
6. HAN, Byung-chul. O valor dos arrepios, a dor nos torna humanos [21 de fevereiro, 2021]. La lettura. Entrevista concedida a La lettura. Disponível em: <encurtador.com.br/iru23> Acesso em: 12 de maio de 2021. 6
7. HAN, Byung-chul. *A agonia de Eros*. Ed. Digital. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis: Vozes, 2017.

SEM SOM

Sandra Maria

Entro na cozinha
louça para lavar
A moça ajudante quer trabalhar
mas não pode e não vem
é perigoso ficar junto
de gente
Eu sem ninguém
carente
o vírus se espalhando
(Escolho o piano)

No som das mãos
esqueço o desleixo
em qualquer clave
em tom maior ou menor
em sustenido
ou bemol
me lembro do amigo
e do sol
e acabo chorando doída
(Ah! Se a vacina viesse)

Cutucando a ferida
com puro sal
Chopin me apresenta “Tristesse”
e me encaixa no clima atual

Ardendo
enfrento a “Tempestade”
de Beethoven
procurando esquecer a idade
e o vírus
e ficar surda às notícias
do corona
(O número de casos só soma)

Aí me escondo
no noturno e misterioso “Jongo”
a dança negra
de Lorenzo Fernandez
e de novo sou pega
em melancolia

Quando acho que a tristeza
vai passar
enclausurada vagueio
no luar sublime
do poema de Verlaine
inspiração de Debussy
em “Clair de Lune”

De volta à real
na minha terra sofrida
encontro Camargo Guarnieri
que complica a minha vida

em um “Ponteio” difícil e denso
(Mais fácil lavar a louça, penso
Mas e a preguiça?
Já viu missa
deitada no sofá?)

À procura de alento
me assento de novo
no banco do piano
Encaro o teclado
e anseio por um tango
bem tocado
Matos Rodriguez me oferece
“La Cumparsita”
e eu sem saída
danço a só
no ritmo
da nova moda

Talvez quem sabe
as cirandas de roda
de Villa-Lobos
sejam a chave
da alegria perdida
Mas “Nesta rua, nesta rua...”
me dá vontade de sair de casa...
e a verdade nua e crua
é que vírus não é ave
e tanto “Passa, passa, gavião...”
como “Xô, xô passarinho”
não são a solução

Como todo
romântico incurável
Chopin retorna à cena
cultuando a morte
e desta vez sem querer
eu acerto
tocando a “Marcha fúnebre”
e lembrando que o fim
ronda por perto

Desanimada
volto a Beethoven
e ao caos
inesperado e insano
e a tempo
toco “Adeus ao piano”.

MAIS DO QUE NUNCA, CULTURA!

Valdir de Aquino Ximenes

Algum tempo atrás, mais precisamente no dia 18/08/20, publiquei um artigo no *Correio Braziliense* intitulado *A Solidão do Poderoso no Espelho*, em que expressava a minha preocupação com a delicada situação sanitária mundial representada pela nefasta pandemia do coronavírus, e particularmente com a realidade brasileira, pautada por uma dramaticidade ainda maior, haja vista fatores epidemiológicos se associarem a elementos sociais, econômicos e políticos, configurando a tempestade perfeita a desabar sobre a nossa perplexidade enquanto cidadãos indefesos.

Discorri, pois, sobre o fato de estarmos sob a tutela de um governo federal inoperante no enfrentamento dessa grave calamidade pública, como se inserido em uma bolha alienante, numa realidade paralela, e com um Ministério da Saúde caracterizado por uma prática disfuncional e perversa; pontuei, outrossim, sobre, concomitante a esse cenário lúgubre e distópico, convivermos com um ambiente ideológico tóxico, marcado por uma acentuada polarização e pensamentos binários excludentes, a disseminar ódio, raiva, cancelamento de pessoas, intolerância ao contraditório, ao que é diverso, como se entre o oito e o oitenta, direita e esquerda, não existissem vida inteligente e vias alternativas de pensamento e posicionamento político, e tivéssemos de optar, como já foi dito, entre o inaceitável e o indesejável.

Abordei ainda o deplorável negacionismo científico reinante nas altas esferas governamentais do nosso país, abarcando variados temas, da astronomia à farmacologia, associado ao menosprezo explícito à área das humanidades, tida como secundária, e gerando como consequência natural pouca importância às pastas da educação, cultura, ciência e tecnologia, desafortunadamente “premiadas” com sucessivos gestores incompetentes e pouco comprometidos com as suas carências, com verbas irrisórias, desmontes e sucateamentos de fundações e autarquias, e submetidas a um viés ideológico pouco receptivo às minorias e diversidades, contaminando amplamente as metas e os projetos, que deveriam ser notabilizados pelo estímulo à pesquisa, à leitura, ao conhecimento, às inovações tecnológicas, ao rico debate filosófico e à formulação de políticas públicas mais produtivas e eficazes.

E desfieei ainda mais absurdos e bizarrices, como se estivéssemos imersos em um país esquizofrênico... À mercê de líderes paroquiais (sendo aquele de mais alto coturno na hierarquia de cotação mínima numa escala de estadistas), sob a égide de uma justiça politizada e de uma política judicializada, espectadores atarantados de conflitos diuturnos entre os poderes, de instituições serem levemente desrespeitadas, de monitoramento subterrâneo de cidadãos de bem, de o pétreo direito à liberdade de expressão ser des-

virtuado, de a Amazônia sofrer vilipêndios, de nossa diplomacia, outrora tão admirada e adepta do multilateralismo, passar vexames mundo afora, e por aí vai...

Os dois últimos parágrafos do meu artigo publicado no jornal, prefiro transcrevê-los integralmente:

“Finalizo com a teimosa esperança de que, seguindo a teoria da destruição criativa, possamos sair da pandemia com uma nova consciência social, com elites mais solidárias, a serviço de uma nação ressignificada, menos corrupta, desigual e injusta, mais plural e inclusiva.

E se não for abusar do direito de sermos otmistas, que nossos governantes, capitaneados pelo mais poderoso deles, no recolhimento silencioso e solitário das madrugadas nas casas e palácios e diante do implacável espelho, possam se defrontar com a própria consciência e seus demônios interiores. E que desse processo catártico de conversa íntima e autocrítica possam emergir melhores homens públicos e seres humanos, irmanados pelos objetivos comuns de permanente defesa da democracia e de oferta de mais respeito e empatia pelos seus comandados”.

Reitero aqui o que disse no início deste artigo: trata-se de uma publicação no dia 18/08/20. Mas infelizmente não está desatualizada ou datada, ou seja, aplica-se com perfeição ao contexto atual, sem necessidade de retirar uma vírgula. Ao contrário, teria que acrescentar novos fatos aterrorizantes, dentre eles o de maior gravidade e que se renova a cada dia: a evolução numérica macabra de vidas perdidas pelo vírus, a passar de seiscentas mil.

Poderia até, sem configurar nenhum exagero, intitular o atual artigo de *A Solidão do Poderoso no Espelho – Parte II*. Aliás, o meu último livro, publicado em 2021, uma peça teatral, também está assim nomeado. Talvez eu esteja pensando demais em poderosos solitários (e alucinados...).

Em épocas eleitorais, o que tem um duplo significado: ruim, porque será um período mercurial, de muitas tensões e conflitos; bom, por finalmente termos a oportunidade, pelo poder do voto, de mudar esse terrível status quo vigente, que pouco a pouco desconstrói o país. E nunca votar bem, votar certo, votar consciente, foi tão primordial para os destinos da nação brasileira como agora (no bicentenário da Independência o novo grito do Ipiranga é “Democracia sempre!”).

Hoje, os nomes na urna para o “sim” (em que cabe o plural) são menos determinantes do que o convicto “não” (no singular) que devemos assinalar. Não para a barbárie, para o atraso, para a tirania, para a exclusão, para o extremismo (de qualquer coloração). Sim para a pacificação, para o progresso, para o arejamento das ideias, para a sensatez, para a inclusão, para a democracia.

Conclamo, pois, mesmo sob o risco de pa-

recer ingênuo ou utópico, os colegas escritores de nossa cidade, acadêmicos, os leitores deste artigo, para que firmem posição em defesa dos valores supracitados, mormente das artes, da cultura, da ciência, da literatura, sob sérias ameaças de decomposição, e mais ainda ganha relevância nossa luta por estarmos em um ano muito simbólico (centenário da Semana de Arte Moderna). É hora de mobilização, como formadores de opinião que somos, cada um no seu raio de ação -- familiar, social, profissional --, de maneira presencial ou virtual (redes sociais, internet, mas sem fake news); urge escrever manifestos, expressar repúdio, usar de persuasão argumentativa, fazermos enfim a nossa parte em momento tão disruptivo, constituindo assim uma destemida “milícia literária”, a milícia do bem e da vida, a manifestar poder com o nosso arsenal bélico (palavras, textos, ideias, razão, livros) e que tanto assusta os que covardemente optam pelos fuzis.

E que o nosso clamor se junte aos de vários outros setores da sociedade, para que possamos avançar mais fortes nos próximos meses na construção de uma sólida barreira a se contrapor ao obscurantismo que ameaça solapar conquistas e valores inegociáveis em qualquer pacto social evoluído.

Trump foi neutralizado (mas o trumpismo persiste), e tal fato significou uma das maiores notícias para a humanidade nos últimos tempos. Mas não podemos deixar que ele faça escola, plante raízes, principalmente no nosso quintal. A história já nos mostrou, em momentos diferentes e em alguns países, a junção momentânea e exitosa de concepções políticas discordantes em nome de um bem maior, quando necessário. Temos que estar atentos e vigilantes e não permitir que o ovo da serpente prospere, pois ideias fascistas e autocráticas nos rondam, perigosamente...

A função de escritor, além da que lhe é característica, se prolonga quando ele também luta contra a ação dos obtusos, na defesa da permanência da literatura (plena, sem amarras, multifacetada) e da liberdade de expressão (a autêntica, não essa deturpação conceitual a que assistimos hoje). É dever de ofício, demanda permanente.

Portanto, nobre colega, escolha sempre quem não é inimigo das letras e dos livros. Fuja de mitologias baratas e fraudulentas e de idolatrias irracionais. A devoção intransigente deve ser somente por princípios sagrados e absolutos, elementos estruturantes e fundadores de uma sociedade verdadeiramente civilizada. É essa paixão, saudável, transformadora, que deve prevalecer e ser o nosso norte. Farol a nos iluminar na jornada humana. Sempre.

STERNE, O IRLANDÊS QUE INFLUENCIOU MACHADO

Edmilson Caminha

Que dizer de um romance em que dois capítulos são de páginas em branco, a ser preenchidas pelo leitor? Em que a dedicatória se põe à venda? Em que o prefácio se encontra na página 202? Em que linhas tortuosamente riscadas, como se pela mão de uma criança, representam os volteios da narrativa? Que pula da página 296 para a 307, pela ausência deliberada de um capítulo? Com linhas feitas de asteriscos, a ocultar referências eróticas? Em que se condena o plágio... com um plágio? Em que há capítulos com páginas cobertas por um preto de luto, outras cheias de manchas ou com apenas duas linhas? Moderno, diremos. Mais moderno ainda ao saber-se que foi publicado no século XVIII, há 260 anos! É *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy* (2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998), do irlandês Laurence Sterne, primorosamente traduzido e ricamente anotado por José Paulo Paes. Nas 31 páginas da excelente apresentação, escreve o tradutor que “a ficção do século XX reconhece em Sterne o mais genial e o mais radical de seus precursores, a ponto de romancistas como Virginia Woolf, James Joyce, Samuel Beckett e Michel Butor, entre outros, terem-lhe sofrido o influxo”. Nomes a que se antepõe ninguém menos do que Machado de Assis, que lhe deve grande influência sobretudo nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Constatação bastante para que nós, brasileiros, já valorizássemos Sterne, não se revestisse a obra da surpreendente originalidade que a consagraria com o correr do tempo.

Pastor anglicano em uma pequena aldeia da Inglaterra, o próprio autor não esperava o êxito de venda dos dois primeiros volumes do romance, publicados em 1760: apenas quatro meses depois foram reimpressos, pois já não se conseguia sequer um exemplar, “nem por amor nem por dinheiro”, nas palavras do modesto pároco que se convertera em celebridade. Tão conhecida se fez a história que houve até mudanças no comportamento social das mulheres. Ao fazer amor com o marido, a futura mãe de Tristram pergunta ao velho Shandy se dera corda no relógio, operação realizada no primeiro domingo de cada mês, quando, de trinta em trinta dias, os dois cumpriam burocraticamente os deveres conjugais. A cena parece ter causado escândalo na época, diz o apresentador, “a julgar por um panfleto publicado meses depois dos volumes iniciais do *Tristram Shandy*, em que um relojoeiro anônimo se queixava de as senhoras de respeito terem deixado desde então de comprar relógios, com receio dos comentários maliciosos que isso poderia provocar”.

Foram nove partes, ao todo, a última saída em 1767, sem que se saiba com certeza se a essas se condensaram as 20 de que o romancista chegou a cogitar. “Com o *Tristram Shandy*”, lê-se na apresentação, “aconteceu algo raras vezes registrado na chamada sociologia do gosto literário: um livro ostensivamente escrito para frustrar as expectativas do leitor comum tê-lo conquistado de imediato, convertendo-se num dos *best sellers* de sua época”. De fato, é prosa cheia de frases longas, enredadas, com idas e vindas, circunlóquios e floreios, como se ao narrador interessasse menos contar a história do que tomá-la como pretexto para comentários e firulas. Exemplo: em determinado ponto, a fala de uma personagem, tio Toby, é interrompida por digressão que se estende por 30 páginas! Gosto pela perífrase que, no texto machadiano, Erico Verissimo relaciona à epilepsia do autor, em conferência sobre ele pronunciada nos Estados Unidos: “Outra característica do epileptoide encontrada na obra de Machado é sua tendência a explicar. Em *Memórias Póstumas*, o leitor às vezes se cansa e até se irrita com as constantes partes e digressões do autor, que parece estar mais preocupado em explicar as coisas para o leitor do que em contar-lhe uma história. Há capítulos inteiros que são puros parênteses.”

A par do exemplo sterniano, também seguido pelo brasileiro, de conversar com quem o lê, como a instituir um distanciamento dialógico, para lembrar-lhe que não vive uma história real, por mais verdadeira que aparente, mas lê a fantasia inventada por alguém, à semelhança do espectador em um teatro. Assim, vê José Paulo Paes, em *Tristram Shandy*, “o marco zero do meta-romance ou do romance sobre o romance”, que faz de quem o escreveu precursor da moderna ficção psicológica: “Com isso, realizava ele, já no século XVIII, aquilo que, em nosso século, Ortega y Gasset apontaria como novidade em Dostoiévski (...)”

Afinal, qual o enredo de *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*? Realmente, quase nenhum. Dispõe-se o narrador a contar a própria vida, mas só chegará ao dia do nascimento no meio do quarto volume, página 283! Até lá são análises e reflexões em que há de tudo: história, filosofia, religião, filologia, riqueza a que não teriam acesso os leitores brasileiros não anglófonos, salvos pela excelente tradução e pelos comentários esclarecedores de José Paulo Paes: são exatas 617 notas, a dizer de acontecimentos e personagens históricos, autores e livros, expressões idiomáticas e jogos de palavras que inevitavelmente se perdem na passagem do inglês para outra língua.

Sabe-se, assim, que *to have a green gown*, ter um roupão verde, significava também em inglês manter relações sexuais e, especialmente, deflorar uma virgem; *an old hat*, um chapéu velho, era como figuradamente se chamava o órgão sexual feminino. São muitas, a propósito, as referências a sexo, com símbolos fálicos como o nariz de um forasteiro, que, grande como poucos, dele não conseguem tirar os olhos o dono da hospedaria e a esposa que diz querer tocá-lo...

Sob a influência do humor de Rabelais, da especulação de Montaigne e do humanismo de Cervantes, Laurence Sterne antecipa em 200 anos o conceito da *opera aperta* de Umberto Eco, ao afirmar:

A arte de escrever, quando devidamente exercida, (como podeis estar certos de que é o meu caso) é apenas um outro nome para a conversação. Assim como ninguém que saiba de que maneira conduzir-se em boa companhia se arriscaria a dizer tudo, – assim também nenhum autor que compreenda as justas fronteiras do decoro e da boa educação presumirá conhecer tudo. O respeito mais verdadeiro que podeis mostrar pelo entendimento do leitor será dividir amigavelmente a tarefa com ele, deixando-o imaginar, por sua vez, tanto quanto imaginais vós mesmos.

Com tal importância, admira que somente em 1984 publique-se a primeira tradução do *Tristram Shandy* para o português, uma das joias literárias que devem os leitores brasileiros a José Paulo Paes. Conclui-se, então, que Machado o tenha lido no original (seu inglês era suficiente para tanto), ou na tradução francesa, castelhana, talvez. Considere-se, no entanto, a possibilidade surpreendente de que nunca o haja lido, segundo Maria Elizabeth Chaves de Mello, no livro *A biblioteca de Machado de Assis*. Ao consultar-lhe as obras, hoje pertencentes à Academia Brasileira de Letras, a pesquisadora deu com dois volumes de Sterne em inglês (*Tristram Shandy* e *Viagem sentimental*), “absolutamente intactos, sem nenhuma anotação, nenhuma dobra, nenhuma assinatura do proprietário, páginas impecáveis, apenas amareladas pelo tempo”. Manuseada, somente a edição francesa do *Sterne inédito*, depois acusado de apócrifo, escrito por um tal Richard Griffith.

Tenha ou não mergulhado na literatura do irlandês, importa que Machado lhe conheceu as particularidades, as invenções, o estilo, como fez constar no bilhete

“Ao leitor”, com que se abrem as *Memórias póstumas*: “Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio”.

Dirige-se, frequentemente, o defunto-autor a quem o lê, provoca-o, divaga e esforça-se por não se levar demasiado a sério, bem à maneira sterniana:

Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, cousa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado.

“O velho diálogo de Adão e Eva”, entre Brás Cubas e Virgília, é todo feito de pontos, interrogações e exclamações. O capítulo CXXXVI, “Inutilidade”, tem pouco mais de uma linha: “Mas, ou muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil.” Sentimento com que Machado, a exemplo do irlandês aos olhos de José Paulo Paes, nega, como já desmentira anteriormente, a ilusão ficcional pela ênfase na materialidade da obra:

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho nada que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás infimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

À influência de Laurence Sterne, acresça-se, em favor do nosso romancista, o refinado *humour* (no sentido britânico, mesmo) de que dá provas no capítulo “Parêntesis”:

Suporta-se com paciência a cólica do próximo. Matamos o tempo, o tempo nos enterra. Um cocheiro filósofo costumava dizer que o gosto da carruagem seria diminuto, se todos andassem de carruagem. Não se compreende que um botocudo fure o beijo para enfeitá-lo com um pedaço de pau. Esta reflexão é de um joalheiro. Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens que de um terceiro andar.

Com mão de mestre, Machado de Assis fez das *Memórias póstumas de Brás Cubas* um romance que se lê entre o sorriso da galhofa e o leve desencanto da melancolia. Sentimentos com que testemunhou homens e mulheres a rir e a chorar no teatro do mundo, personagens da peça, cheia de som e de fúria, que se chama vida.